

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

DON FERDINANDO COLOMBO

a reEvolução das obras de misericórdia



Ilustrações da Irmã Marie-Anastasia Carré
Textos editados pelo P. Ferdinando Colombo

Agradecemos os textos revistos gratuitamente por nós
Edição não comercial



**SACRO
CUORE**

**Associazione Opera
Salesiana del Sacro Cuore** Bologna

INTRODUÇÃO

“Filhinhos, temos de deixar de exprimir o amor apenas pelas palavras e pelo modo de falar; temos de amar também em actos e em verdade.”

(1 João 3,18)

O Ano da Misericórdia

O Papa Francisco no documento “O Rosto da Misericórdia” (Mv) exclama com grande como desejo que os anos vindouros sejam impregnados de misericórdia para para chegar a cada pessoa levando a bondade e a ternura de Deus! Que o bálsamo da misericórdia chegue a todos, crentes e afastados, como sinal do sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós”. (Mv 5). Este mesmo documento ajuda-nos a percorrer a História da Salvação em chave de Misericórdia:

“Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta através da qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem até ao fundo das suas entranhas pelo seu filho. Trata-se, de facto, de um amor “visceral”. (Mv 6)

A missão que Jesus recebeu do Pai foi a de revelar o mistério do amor divino em toda a sua plenitude. “Deus é amor” (1 João 4:8, 16).

A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. As suas relações com as pessoas que se aproximam dele manifestam algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, especialmente em relação aos pecadores, aos pobres, aos excluídos, aos doentes e aos que sofrem, estão sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nada nele é isento de compaixão. O que movia Jesus em todas as circunstâncias não era senão a misericórdia, com a qual Ele lia o coração dos seus interlocutores e respondia às suas necessidades mais verdadeiras (Mv 8).

Escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como ideal de vida e como critério de credibilidade da nossa fé: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt. 5:7), é a bem-aventurança a que nos devemos inspirar com particular empenho neste Ano Santo.

A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. É no mesmo comprimento de onda que se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Como Ele ama o Pai, assim eles amam os seus filhos. Como Ele é misericordioso, também nós somos chamados a ser misericordiosos uns com os outros. (Mv 9)

***“Mostrai-me a vossa fé sem obras,
e eu, com as minhas obras, mostrar-te-ei a minha fé....
Seu tolo, compreenderás que a fé sem obras não vale nada?”***

(Tiago 2,18.20)

As Obras de Misericórdia

Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o nosso coração àqueles que vivem nas mais díspares periferias existenciais, que mundo moderno cria muitas vezes de forma dramática. Quantas situações de precariedade e de sofrimento estão presentes no mundo de hoje! Quantas feridas estão gravadas na carne de tantos que já não têm voz, porque o seu grito se apagou e se extinguiu por causa da indiferença dos povos ricos. Neste Jubileu, a Igreja será ainda mais chamada a curar estas feridas, a aliviá-las com o óleo da consolação, a enfaixá-las com a misericórdia e a curá-las com a solidariedade e o cuidado devido. Não caiamos na indiferença que humilha, no hábito que anestesia a alma e impede a descoberta da novidade, no cinismo que destrói.

Abramos os olhos para olhar as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados de dignidade, e sintamo-nos provocados a escutar o seu grito de socorro. Que as nossas mãos apertem as suas mãos, que os puxemos para junto de nós para que sintam o calor da nossa presença, da nossa amizade e da nossa fraternidade. Deixemos que o seu grito se torne nosso e juntos possamos quebrar a barreira da indiferença que muitas vezes impera para esconder a hipocrisia e o egoísmo.

Desejo ardentemente que o povo cristão reflecta, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporais e espirituais. Será um modo de despertar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina. A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia para que possamos compreender se estamos ou não a viver como seus discípulos.

Redescubramos as obras de misericórdia corporais: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, abrigar os sem-abrigo, visitar os doentes, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espirituais: aconselhar os duvidosos, instruir os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as injustiças e rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

Não podemos escapar às palavras do Senhor: e por elas seremos julgados: se demos de comer a quem tinha fome e de beber a quem tinha sede. Se acolhemos os sem-abrigo e vestimos os nus. Se tivemos tempo para estar com os doentes e os presos (cf. Mt 25, 31-45). Perguntar-nos-ão igualmente se ajudámos a sair da dúvida que faz cair no medo e é muitas vezes fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância em que vivem milhões de pessoas, sobretudo crianças privadas da ajuda necessária para saírem da pobreza; se estivemos próximos de quem está só e aflito; se perdoámos a quem nos ofende e rejeitámos todas as formas de rancor e de ódio que conduzem à violência; se fomos pacientes seguindo o exemplo de Deus que é tão paciente connosco; se, finalmente, confiámos os nossos irmãos e irmãs ao Senhor na oração. Em cada um destes “pequeninos” está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se novamente visível como um corpo maltratado, açoitado, flagelado, subnutrido, em fuga... para ser reconhecido, tocado e cuidado por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: “No entardecer da vida, seremos julgados pelo amor”» (Mv 15).

Oração de Charles de Foucauld

*Meu Pai, eu entrego-me a Ti. Faz de mim o que
Te agrada. Tudo o que fizeres de mim, eu agradeço-Te.
Estou pronto para tudo, aceito tudo, desde que a Tua vontade
seja feita em mim e em todas as Tuas criaturas:
Não desejo outra coisa, meu Deus.
Coloco a minha vida nas Tuas mãos, entrego-a a Ti, meu Deus,
com todo o amor do meu coração, porque Te amo
E é uma exigência do amor que eu me dê
E voltar a colocar-me nas Tuas mãos sem medida,
com uma confiança infinita,
porque Vós sois o meu Pai. Amém.*



DAR DE COMER A QUEM TEM FOME:

Todos os anos, cerca de 11 milhões de crianças morrem no mundo antes de atingirem os 5 anos de idade; a malnutrição é responsável por 53% dessas mortes. Na Europa, 79 milhões de pessoas vivem ainda abaixo do limiar da pobreza. Em média 8,7 mil milhões de euros em média são deitados fora todos os anos em Itália devido ao desperdício alimentar. Atualmente, quando se trata de comida, pensamos apenas nos nossos desejos gulosos e a publicidade não ajuda: comprar, comer, comprar de novo.

Cerca de 850 milhões de habitantes do planeta Terra (dos mais de 7 mil milhões que o habitam) ainda sofrem de fome crónica (definida como a ingestão de menos de 1800 kcal por dia), enquanto 1,3 mil milhões se encontram numa situação completamente diferente, em condições de obesidade e excesso de peso. (Relatório da FAO “The State of Food Insecurity in the World-SOFI 2013”).

Nos países pobres do hemisfério sul, o problema é muitas vezes o de poder comer alguma coisa, porque a escassez de alimentos ou o seu açambarcamento por parte de poucos que os roubam a muitos é um facto real e manifesto. Há pessoas famintas, subnutridas pela fome, fracas a ponto de contraírem facilmente doenças, sem forças no corpo para as combater: tudo isto é apenas o sinal epifânico da injustiça do mundo, um lugar onde alguns “se banqueteiavam todos os dias” (cf. Lc 16, 19), vivem no esplendor, ostentam riquezas e exibem o seu poder arrogante.

Para nós, crentes no Deus que “dá pão a toda a carne” (Sl 136,25), ou seja, a todo o ser vivo, esta situação de fome parece injusta e absurda, uma verdadeira contradição com a bondade de Deus que quer a vida em abundância para todas as suas criaturas.

E assim somos levados a descobrir que a terra foi dada a todos; que a mesa posta com os bens do mundo é para todos; que ninguém pode dizer que algo é só “seu”, privando o outro disso; que as riquezas são distribuídas injustamente, de modo que a humanidade, paradoxalmente, passou a sofrer porque uma parte dela é obesa, enquanto outra passa fome. (Enzo Bianchi)

Don Benzi escreveu:

“Há uma diferença entre serviço e partilha.

- O serviço pede desempenho, a partilha pede pertença.*
- O pobre que encontra é um coração para compreender, não é um estômago para encher.*
- Se o tratarmos como um estômago esfomeado ao qual atiramos massa e carne assada, um dia ele vomitará tudo.*
- O pobre é uma pessoa com dons maravilhosos que transporta, com uma missão a cumprir.*
- O pobre espera a tua mão antes de lhe atirares um vestido usado.*
- Se o tratares como um manequim sobre o qual atiras roupas mais ou menos gastas, um dia ele atirar-tas-á com violência, rejeitando a tua pessoa.*
- Ele quer que lhe peçam perdão porque vocês têm tudo: ele foi roubado de tudo por essa sociedade que vos deu tanto e que se permite dar migalhas a ele, ferindo-o na sua dignidade, humilhando-o.*
- Paraí com o sem-abrigo na rua: falai com ele antes de abrires a carteira.*
- Dialoguem com o limpador de janelas, não o vejam como um incómodo, falem com ele na sua humilhação e ele compreenderá.”*

Diz o **Catecismo da Igreja Católica** (número 2463): Na multidão de seres humanos sem pão, sem abrigo, sem morada fixa, como não reconhecer Lázaro, o mendigo faminto da parábola? Como não se ressentir com Jesus: «Foi a mim que o fizeste, não foi a mim que o fizeste?» (Mt 25)

O apóstolo **Tiago** diz: «Se um irmão ou uma irmã estiverem despidos e sem o alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: "Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos", mas não lhes derdes o necessário para o corpo, de que serve isso? Assim também a fé: se não for seguida de obras, em si mesma está morta» (Tg 2,15-16).

Recordemos **Jesus** quando diz: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus...” (Mt.4:4) Quando um cristão dá de comer a quem tem fome, não está a trabalhar em seu próprio nome, mas em nome d'Aquele que é Misericórdia infinita, que alimenta os famintos com o pão de cada dia e que se fez Alimento na Eucaristia, Pão de vida eterna, alimento por excelência. Dizemos isto no Pai-Nosso: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Um alimento infinitamente mais importante e necessário: O próprio Jesus Cristo! «Eu sou o Pão da Vida. ... Eu sou o Pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente, e o pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo» (Jo 6,48-51).

ENVIA-ME ALGUÉM PARA AMAR

por Madre Teresa de Calcutá

*Senhor, quando eu tiver fome, dá-me alguém que precise de comida,
quando eu estiver triste, dá-me alguém para me consolar;
quando a minha cruz se tornar pesada, deixa-me partilhar a cruz do
outro; quando eu for humilhado, dá-me alguém para louvar;
quando eu estiver desanimado, enviai-me alguém para me encorajar;
quando eu precisar da compreensão dos outros,
dá-me alguém que precise da minha;
quando preciso que cuidem de mim,
envia-me alguém que cuide de mim;
quando penso só em mim,
atrai a minha atenção para outra pessoa.
Torna-nos dignos, Senhor, de servir os nossos irmãos e irmãs
que, em todo o mundo, vivem e morrem pobres e famintos.*





DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

800 milhões de pessoas não têm uma torneira em casa e, segundo estimativas da OMS, a Organização Mundial de Saúde, mais de 200 milhões de crianças morrem todos os anos devido ao consumo de água insalubre e às consequentes más condições sanitárias. Globalmente, estima-se que 80% das doenças nos países do Sul Global se devem à má qualidade da água. A nível mundial, 1,4 mil milhões de pessoas no planeta não têm acesso a água potável. Um cidadão norte-americano consome 1.700 metros cúbicos de água por ano; a média em África é de 250 metros cúbicos por ano. A Comissão Mundial da Água indica 40 litros por pessoa e por dia como a quantidade mínima para satisfazer as necessidades essenciais. Com cerca de 40 litros, nós, italianos, tomamos um duche; para outros, representa a água de semanas inteiras. A Itália é o primeiro país da Europa em termos de consumo de água e o terceiro no mundo, com 1.200 metros cúbicos de consumo anual per capita. Mais do que nós só os Estados Unidos e o Canadá. No entanto, em comparação com os parâmetros europeus, não podemos deixar de ser considerados esbanjadores: Os italianos consomem quase 8 vezes a água utilizada na Grã-Bretanha, 10 vezes a utilizada pelos dinamarqueses e três vezes o que consomem na Irlanda ou na Suécia.

A água tornou-se o ouro azul

Embora a crise da água esteja ligada a múltiplos factores (aumento da população mundial, necessidade crescente de água para usos industriais, civis e agrícolas, poluição dos cursos de água e dos aquíferos, alterações climáticas...), exige políticas inspiradas em valores culturais e humanos de solidariedade e não apenas económicos. A passagem da água de um direito a um bem de consumo é uma das principais razões de injustiça.

Papa Francisco

«Um problema particularmente grave é o da qualidade da água disponível para os pobres, que causa muitas mortes todos os dias. As doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por

microrganismos e químicos, são comuns entre os pobres. A disenteria e a cólera, devidas a um saneamento e a um abastecimento de água inadequados, são um fator significativo de sofrimento e de mortalidade infantil”. (Laudato si, 29)

«O acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, por conseguinte, é uma condição para o exercício de outros direitos humanos». (Laudes 30)

«É de esperar que o controlo da água pelas grandes empresas mundiais se torne uma importante fonte de conflito neste século». (Laudes, 31)

A bebida é vida. Tal como qualquer tipo de existência vegetal precisa de água, o ser humano precisa ainda mais. É mais terrível morrer de sede do que morrer de fome! Desde o primeiro momento de sua existência, a criatura precisa de alimento. O recém-nascido procura imediatamente o seio da mãe; mas mesmo antes do nascimento, a mãe alimenta-o, para que o feto se desenvolva e cresça, até se tornar - de alguma forma - autónomo. Na vida humana, comer e beber são necessários, indispensáveis: não de vez em quando, mas sempre, todos os dias, desde o nascimento até à morte!

Já em 1994, **João Paulo II**, no Dia Mundial da Alimentação, sublinhou a necessidade de “...considerar a importância da água para a vida e a subsistência dos indivíduos e das comunidades. Uma vez que todos devem ter acesso a fontes de água não contaminadas, a comunidade internacional é chamada a cooperar na proteção deste precioso recurso contra formas inadequadas de utilização e o seu desperdício irracional. Sem a inspiração que vem dos princípios morais profundamente enraizados nos corações e nas consciências dos homens, os acordos e a harmonia que deveriam existir internacionalmente para a preservação e utilização deste recurso essencial serão difíceis de manter e levar por diante.” Tudo isto só pode levar a uma tomada de consciência da gravidade do problema e a um trabalho a nível político para responder adequadamente à procura desesperada de quem pede de beber. Caso contrário, as palavras “tive sede e não me destes de beber” (Mt 25:42) julgar-nos-ão e surpreender-nos-ão.

Uma mulher **Samaritana** veio tirar água. Jesus disse-lhe: “Dá-me dá-me de beber”. Inicia-se assim um diálogo durante o qual a

mulher não tira água e Jesus não a bebe, mas ambos mostram que a verdadeira água que sacia é o encontro e a verdadeira sede é o desejo de relação.

E Jesus, prometendo a água do Espírito e da revelação, promete a água que mata a sede para a vida eterna. Jesus respondeu-lhe: «Quem beber desta água tornará a ter sede; mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna» (Jo 4,3-42).

Há uma afirmação de Jesus, relatada apenas por João: “Quem tem sede, venha a mim, e beba aquele que crê em mim; como diz a Escritura, ‘rios de água viva correrão do seu seio’. Isto disse ele, referindo-se ao Espírito que os crentes nele receberiam” (Jo 7,37-38).

Jesus diz: “Quem der um copo de água fresca a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa” (Mt.10:42).

E não esqueçamos aquele grito doloroso de Jesus na Cruz, “Tenho sede!”, que engloba todas as necessidades das pessoas que sofrem, mas também e principalmente o sofrimento de Deus para com as pessoas que se perdem. Sim, dizem os Santos, Jesus tem sede de nós, tem sede de pessoas que correm o risco de se perderem, e o seu grito da Cruz procura que as pessoas o ajudem a saciar esta sede, tornando-se seus discípulos para levar a Ele o maior número possível de pessoas.

(Luciano Manicardi)

ORAÇÃO

*Graças a ti, ó Deus nosso Pai,
que na nossa irmã Água, tua criatura,
nos abriste o seio da vida;
Graças a Vós, pela onda que irriga, a lavagem que purifica, a
bebida que sacia, a fonte do nosso renascimento Cristo, vosso
Filho. Concedei, Senhor, que todo o homem goze sempre deste
refrigério e, conservando clara e casta a obra da criação, veja nela
a reverberação da vossa bondade
e um convite constante à pureza do corpo e da alma.
Por Cristo, nosso Senhor.
Amém*



VESTIR OS NÚS

Hoje em dia, é óbvio, só pensamos em como nos vestir. E se não tivermos aquele par de tênis Nike ou Adidas, fazemos beicinho. Compramos e compramos roupa que, ao fim de alguns meses, já não está na moda! Enquanto há pessoas que, na sua necessidade, se tiverem um par de trapos para vestir têm um guarda-roupa completo!

“Se alguém despir o que está vestido, é chamado ladrão. E aquele que não veste o nu, quando o pode fazer, merece outro nome? O pão que guardas para ti é do faminto; o manto que guardas no guarda-roupa é do nu; os sapatos que apodrecem em tua casa são dos descalços; a prata que guardas debaixo da terra é do necessitado.” **São Basílio, o Grande** (330 d.C)

Particularmente incisiva é a admoestação de **São João Crisóstomo**: «Quereis honrar o corpo de Cristo? Não o negligencieis quando ele está nu. Não o honreis aqui no templo com panos de seda, para depois o negligenciardes lá fora, onde sofre o frio e a nudez».

O ato humano de vestir os que estão nus baseia-se, para a **Bíblia** no ato original do próprio Deus que cobriu a nudez humana preparando roupas e vestindo depois Adão e Eva após a sua transgressão: “O Senhor Deus fez para o homem e para a mulher túnicas de peles e vestiu-os” (Gn 3,21). A transgressão do homem no jardim do princípio fez com que o ser humano saísse do espaço de comunhão e se apercebesse da sua “nudez”, isto é, da sua condição de criatura limitada e frágil, que começasse a sentir desconfiança e medo uns dos outros, que a alteridade começasse a ser sentida como uma ameaça.

Foi assim que Adão e Eva “entrançaram folhas de figueira e delas fizeram cintos” (Gen 3,7). Mas só no momento em que o próprio Deus fez túnicas de peles e os vestir (cf. Gn 3,21) é que eles verão a sua dignidade restabelecida, verão a sua fragilidade envolvida na misericórdia divina, os seus limites protegidos e cobertos.

Partilhar a roupa com o pobre é um gesto de intimidade que requer delicadeza, discrição e ternura, porque tem a ver diretamente com o corpo do outro, com a sua singularidade que se cristaliza ao mais alto grau no rosto, que fica nu, descoberto, e que com a sua vulnerabilidade nos recorda a fragilidade de todo o corpo, de toda a pessoa humana, e remete para ela.

A partilha de roupas com os pobres — não no modo impessoal e eficaz de recolher ajudas para enviar aos pobres do terceiro mundo, mas no encontro cara a cara com os pobres — torna-se então uma narrativa concreta de caridade, uma celebração da gratuidade, uma troca em que aquele que é privado de alguma coisa não é empobrecido, mas enriquecido pela alegria do encontro, e aquele que beneficia do dom não é humilhado, porque o facto de ser vestido o introduz numa relação e ele sente-se acolhido na sua necessidade como pessoa, isto é, na sua singularidade, e não como destinatário anónimo de um carregamento de roupa descartado pelos ricos.

Na tradição cristã ocidental, o gesto de vestir os nus tem a sua expressão mais famosa no episódio em que **Martinho de Tours** corta o seu próprio manto para o partilhar com um pobre indefeso contra os rigores de um inverno gelado. Venantius Fortunatus escreve na sua Vida de S. Martinho de Tours: “A um pobre que encontrou à porta de Amiens e que se tinha dirigido a ele, Martinho dividiu o abrigo da sua clâmide em partes iguais e, com uma fé fervorosa, colocou-o sobre os seus membros trémulos. Um toma uma parte do frio, o outro toma uma parte do calor, entre os dois pobres o calor e o frio são divididos, o frio e o calor tornam-se um novo objeto de troca e uma pobreza é suficientemente dividida por duas pessoas”.

No final do século IV, na região siríaca, o desenvolvimento do **rito batismal** incluía o ato pelo qual o neófito (ou o) se despia das suas roupas e as pisava; a unção do seu corpo nu; a imersão (mais uma vez em total nudez) nas águas baptismas; e, finalmente, o ato pelo qual, tendo saído da piscina, o recém-batizado era vestido com uma roupa branca.

A nudez gloriosa de Cristo morto (e na cruz o condenado estava em nudez total para significar a sua indignidade) e ressuscitado veste e protege o recém-batizado que agora se sabe imerso numa vida nova tendo “vestido Cristo”: “Baptizados em Cristo, vestistes Cristo” (Gl 3,27).

Revestido de Cristo, no batismo, partindo da nudez da sua própria condição humana limitada e frágil, o cristão sabe-se imerso na misericórdia de Deus (Tt 2,4-5), coberto e envolvido por ela, de modo que a sua prática da caridade para com aqueles que se encontram na nudez e na vergonha, no desamparo e na miséria, na humilhação e na privação da dignidade, será apenas reflexo e testemunho da misericórdia divina. (Luciano Manicardi)

«Até com a roupa, porque te preocupa tanto? Olhai como crescem as flores do campo: não trabalham, não fazem roupa... e, no entanto, garanto-vos que nem Salomão, com toda a sua riqueza, teve um vestido tão bonito! Por isso, se Deus faz com que as flores do campo sejam tão belas hoje e no dia seguinte são queimadas, mais uma razão para vos dar roupa, homens de pouca fé! Por isso, não vos preocupeis demasiado, dizendo: “Que havemos de comer?, que havemos de beber?, como havemos de vestir?” São os outros, os que não conhecem Deus, que andam sempre à procura de todas essas coisas. O vosso Pai que está no Céu sabe que vocês precisam de todas essas coisas. Vós, pelo contrário, procurai o Reino de Deus e fazei a sua vontade; tudo o resto Deus vos dará por acréscimo». (Mt 6,28-33)

A ORAÇÃO

pelo Cardeal Joseph Ratzinger

*Senhor Jesus, fostes despojado das vossas vestes,
exposto à desonra, expulso da sociedade.*

Tomastes sobre vós a desonra de Adão, curando-o.

*Vestiste-Te dos sofrimentos e das necessidades dos pobres, daqueles
que são expulsos do mundo.*

*Mas, precisamente desta forma, dás sentido ao que parece não ter
sentido. Assim nos fazeis reconhecer que o vosso Pai
nos tem a ti, a nós e ao mundo nas suas mãos.*

*Dá-nos um profundo respeito pelo homem em todas as fases da sua
existência e em todas as situações em que o encontramos.*

Dá-nos o manto de luz da tua graça.



DAR POUSADA AOS PEREGRINOS

Migrantes, fugitivos, migrantes económicos, refugiados.

O fenómeno a que assistimos é como um maremoto, incontrolável, que parte do Sul e do Leste do Mediterrâneo e que se abate sobre as costas europeias. Há quem defenda a necessidade de de erguer muros e arames farpados, escondendo-se atrás de alarmismos económicos e fobias infundadas. Aqueles, pelo contrário, trabalham para acolher mais seres humanos. As classes dominantes, naturalmente, dir-se-ia, parecem não estar muito unidas nesta matéria. Os cidadãos, de uma forma geral, estão divididos em duas facções opostas. Este drama ocupará o resto das nossas das nossas vidas. Deve, por isso, ser tratado com especial urgência e cuidado. Mas sem nos iludirmos de que o resolveremos pela força. Se o tentássemos tentar fazê-lo, torná-lo-íamos incontrolável. Conseguiríamos multiplicar as baixas e não reduzi-las. Não há atalhos militares - bloqueios navais, aéreos ou terrestres. (Lucio Caracciolo)

O drama dos refugiados

«A situação dramática dos refugiados, marcada pelo medo, pelas dificuldades e incerteza, é uma triste realidade. Todos os dias, os refugiados fogem da fome e da guerra em busca de uma vida digna para si e para as suas famílias. Vão para terras distantes e, quando encontram trabalho, nem sempre encontram um verdadeiro acolhimento, respeito e apreço pelos valores que defendem. As suas legítimas expectativas chocam com situações situações e dificuldades complexas que, por vezes, parecem insuperáveis, pelo que pensamos no drama dos refugiados vítimas de rejeição e exploração e da exploração, vítimas do tráfico de seres humanos e do trabalho escravo»
(Papa Francisco).

O pobre, o sem-abrigo, o errante, o estrangeiro, o vagabundo, aquele cuja humanidade é humilhada pelo peso da falta e da privação, da rejeição e do abandono, do desinteresse e do afastamento, começa a ser acolhido quando começa a sentir a sua humilhação como minha, a sua vergonha

como minha, quando começo a sentir que a mortificação da sua humanidade é a minha própria mortificação.

Então, sem culpas inúteis e sem bons sentimentos hipócritas, pode começar a relação de hospitalidade que me leva a fazer tudo o que está ao meu alcance pelo outro. Mas deve ficar claro, antes de mais, que a **hospitalidade humaniza** aquele que a exerce, porque, como diz Pierangelo Sequeri, “ainda não começou a ser um verdadeiro homem aquele que não experimentou a piedade pela humanidade ferida e degradada do outro”. (Trento Lungaretti)

Não é preciso ser crente ou mesmo católico para sentir admiração por um homem que se ajoelha perante outros homens e **lhes lava os pés**. O Papa Francisco decidiu, mais uma vez este ano, contrariar o triste “espírito do tempo” e deslocar-se ao centro de acolhimento para requerentes de asilo em Castelnuovo di Porto, Roma. Aqui estão “hospedadas” mais de 900 pessoas que fugiram de guerras, do terrorismo, da tortura. Muitos deles têm uma cor de pele diferente, rezam a um Deus diferente e a maioria pertence à comunidade muçulmana. Os pés que vão ser lavados representam a geografia do desespero, da exclusão social, do apagamento de todos os direitos e da esperança no futuro. A “radicalidade” de Francisco reside precisamente no facto de ter escolhido este lugar e estes pés e de o ter feito enquanto à sua volta ressoam os ventos da guerra, do terror e do racismo. (Beppe Giuliatti)

Em Jesus, Deus veio pedir hospitalidade aos homens

Por isso, propõe como virtude característica do crente a disposição para acolher o outro no amor. Ele quis nascer no seio de uma família que não encontrou alojamento em Belém (cf. Lc 2,7) e experimentou o exílio no Egito (cf. Mt 2:14). Jesus, que “não tinha onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20), pediu hospitalidade a todos os que encontrava. Ao enviar os seus discípulos em missão, ele faz da hospitalidade, de que eles beneficiarão, um gesto que lhe diz respeito pessoalmente: “Quem vos acolhe a vós, acolhe-me a mim, e quem me acolhe a mim, acolhe aquele que me enviou” (Mt 10,40). A Igreja reitera que o acolhimento solidário dos que estão em dificuldade é um sinal distintivo da fé. (João Paulo II 1999)

Há muito que nos tornámos uma sociedade multicultural. É claro que também há problemas na compreensão e integração dos estrangeiros. E há limitações numa sociedade para acolher os estrangeiros. Mas, como

cristãos, devemos perguntar-nos até que ponto respondemos hoje à exortação de Jesus sobre a hospitalidade e o que Cristo nos diria hoje. A Palavra de Jesus é um desafio constante para nós, e não devemos eliminá-la imediatamente com a racionalidade. É um agulhão que deve estar presente em todas as nossas discussões sobre a integração e o acolhimento dos estrangeiros na nossa sociedade. Não podemos ficar à espera da política e atribuir-lhe a tarefa da integração (F. Adolfo Antonelli).

A parábola por excelência que nos propõe o modelo de acolhimento e de hospitalidade é a parábola do **Bom Samaritano** (Lc 10,29-37): um estrangeiro, socialmente discriminado, socorre um homem – potencialmente inimigo – vítima de um atentado, cura-o e leva-o para se abrigar numa estalagem, onde é acolhido e refrescado. Acolher significa dar um lugar ao outro na sua terra, na sua vida, na sua mente, no seu coração; significa dar-lhe “direito de asilo”, cuidar dele, da sua necessidade de se sentir vivo, amado e protegido. Afinal, um homem sem casa é um homem à procura de “família”. Jesus não só se faz próximo daqueles que são considerados estrangeiros e forasteiros, mas ele próprio é o Hóspede da nossa história. Ou seja, da nossa vida. A sua história na terra é toda ela um caminho: vem do seio do Pai (Lc 1,34-38) e, nas etapas do seu percurso terreno, indica a todos a pátria a que estamos destinados.

É por isso que ele nos chama a segui-lo. E quando afirma que os seus estão no mundo mas não são do mundo (Jo 17) chama o homem de volta à sua essência última, ao seu ser peregrino nesta terra. Peregrino é o ser humano no seu caminho de vida e de morte, em direção ao Outro e a si mesmo, para redescobrir a sua humanidade mais genuína. (+Bruno Forte)

ORAÇÃO

Deus, Pai misericordioso, que nos revelastes o Vosso infinito amor no Vosso Filho Jesus Cristo, feito homem por nós, concedei-nos experimentar tão profundamente a Vossa misericórdia que nós mesmos nos tornemos testemunhas e agentes de misericórdia para todos aqueles a quem nos enviardes e confiardes. E que Maria, mãe de misericórdia, interceda por nós, para nos ajudar a viver as obras de misericórdia com fé e corações generosos, dóceis à ação do Espírito Santo, sopro do Amor eterno. Amém.

+ Bruno Forte Arcebispo de Chieti-Vasto



ASSISTIR AOS ENFERMOS

Entre as sete obras de misericórdia corporal, a “visita aos doentes” assume um significado muito especial, uma vez que fazer-se próximo daqueles que sofrem representa um modo profundo e emblemático de se aproximar - na expressão do Papa Francisco - da carne viva e dolorida de Cristo Jesus.

A referência evangélica imediata vai para a parábola (Lc 10,25-37) do **“Bom Samaritano”**, ícone de Jesus, que tomou sobre si as nossas enfermidades redimindo-nos do pecado, da morte e das suas consequências, das quais o sofrimento em todas as suas formas — na leitura bíblica - é o sinal. Ícone de Jesus e ao mesmo tempo — como as outras obras de misericórdia — sinal credível de encarnação e de discernimento sobre a autenticidade da profissão pessoal de fé no Crucificado Ressuscitado e de amor a Deus e ao próximo, especialmente aos fracos, pobres e sofredores (1 Jo 3,23-24).

Mais ainda, ao visitar os doentes segundo o coração de Cristo Jesus, Ele assimila-nos a Ele e, como Ele, cinge os nossos aventais ao serviço dos sofredores. Assimila-nos a Ele como “Christus medicus” das almas e dos corpos.

Um homem descia de Jerusalém em direção a Jericó quando se deparou com salteadores. Tiraram-lhe tudo, bateram-lhe, e depois foram-se embora, deixando-o meio morto. Por acaso passava por ali um sacerdote; viu o homem ferido, atravessou a estrada e continuou. Um levita do Templo também passou por ali; viu-o, evitou-o e prosseguiu. Em vez disso, passou por ele um homem de Samaria, que estava a viajar, viu-o e teve compaixão dele. Aproximou-se dele, deitou-lhe azeite e vinho nas feridas e enfaixou-as. Depois carregou-o no seu burro, levou-o para uma estalagem e fez tudo o que pôde para o ajudar. No dia seguinte, tirou duas moedas de prata, deu-as ao estalajadeiro e disse-lhe: “Cuida dele e, se gastares mais, pagarei quando voltar.” Mais ainda, visitando os doentes segundo o coração de Cristo Jesus, Ele assimila-nos a Ele e, como Ele, cinge os nossos aventais para servir os sofredores. Assimila-nos a Ele como “Christus medicus” das almas e dos corpos.

No diálogo entre Jesus e o doutor da lei, ambos concordam que o amor a Deus e ao próximo é a condição necessária para herdar a vida eterna. A questão torna-se mais delicada quando se trata de decidir **“quem é o meu próximo”**. E para o explicar, Jesus conta a parábola. Ele vê, pára, sente compaixão. Ou seja, sente-se envolvido. A compaixão, portanto, não como mera emoção, mas como ação que produz o cuidado do outro. Por isso, Jesus convida o doutor da lei — e nós hoje — a entrar na lógica da parábola. A agir como o samaritano. A perguntar-se não tanto “quem é o meu próximo” (como se eu pudesse escolher a quem ajudar), mas **“a quem devo ser próximo”** (e, portanto, a todos, a começar pelos que me rodeiam). Esse bom samaritano é Jesus. Ele é Aquele que, ao longo do caminho da história, se apercebeu do estado deplorável da humanidade. Aproximou-se de nós ao ponto de se tornar um de nós, o Homem. Tomou sobre os seus ombros as nossas vidas, tão maltratadas pelo pecado. Cuidou de nós. E a partir de Jesus, cada um de nós é chamado hoje a “fazer o mesmo”. Cada Comunidade Cristã é chamada a “fazer o mesmo”. Quanto mais não seja porque Jesus o fez por nós: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4,19). Amar o próximo é amar o próprio Deus. (Paróquia de Santa Maria da Assunção-Bibione)

A expressão “assistir aos enfermos” tem, portanto, pelo menos mais três significados. Em primeiro lugar, o verbo “assistir” refere-se a fazer-se concretamente **presente ao outro**, não com palavras, mas com actos, mesmo e sobretudo quando isso custa sacrifício, tendo em conta o que a Beata Madre Teresa de Calcutá — ícone predileto do Papa Bergoglio no Ano Jubilar da Misericórdia — afirmava a propósito de cada gesto de caridade para com o próximo que, se não custar dinheiro, corre o risco de valer muito pouco aos olhos de Deus.

Em segundo lugar, “assistir” fala também de uma não episodicidade da misericórdia, no sentido de que ela não se detém no único ato caritativo, mas procura, de todas as formas possíveis, **a continuidade, a sistematicidade**, a organização, como mostra a parábola já referida. De facto, o bom samaritano não só presta os primeiros cuidados, mas também toma a seu cargo o infeliz doente, transportando-o para um lugar onde possa ser tratado, pagando do seu bolso, comprometendo-se a continuar a estar presente.

Por fim: assistir significa **criatividade em ação**: presença, toque, palavra, olhar, oração. Finalmente, o termo “doente” implica pelo menos dois aspectos. O primeiro: a enfermidade não se limita apenas ao físico, mas também ao psicológico, ao espiritual, ao moral. De facto, os níveis

cruzam-se frequentemente, exigindo uma abordagem “holística” (= abrangente - ed.) segundo um discernimento que leva a identificar as formas mais apropriadas de vir em auxílio daquela pessoa em particular que oferece. O segundo aspeto: o doente é uma imagem do Christus patiens (Cristo sofredor), qualquer que seja a classe social e económica, a nacionalidade, a fé religiosa, a visão do mundo. Em última análise, portanto, “visitar os doentes” revela-se como uma confirmação do realismo cristão, que olha para a realidade do homem na sua totalidade e inteireza como um valor eminente, numa chave que, partindo da imanência da condição humana e da dor e do sofrimento, dirige o seu olhar para a origem transcendente e a realização do homem. (Dario Sacchini)

Bento XVI, que na *“Spe salvi”* (nos. 35-40) apresenta o agir e o sofrer como lugares de aprendizagem da esperança, onde o sofrimento aceite e oferecido é um milagre de amor, diz: “Gostaria de acrescentar mais uma pequena nota, não totalmente irrelevante para os acontecimentos quotidianos. Fazia parte de uma forma de devoção, o pensamento de poder “oferecer” os pequenos trabalhos da vida quotidiana, que nos atingem sempre de novo como picadas mais ou menos incómodas, dando-lhes assim um sentido. O que é que significa “oferecer”? Estas pessoas estavam convencidas de que podiam incluir na grande piedade de Cristo os seus pequenos trabalhos, que assim se tornavam de alguma forma parte do tesouro de compaixão de que a humanidade precisa. Talvez devêssemos perguntar-nos se tal coisa não se tornaria uma perspetiva sensata também para nós” (40). Não é o sofrimento aceite e oferecido, partilhado com sinceridade e gratuidade, um milagre de amor? (Fr. Gino Oliosi)

ORAÇÃO

*Ó Cristo, médico dos corpos e das almas
Velai pelo nosso irmão enfermo e sofredor;
e, como o Bom Samaritano, derramai sobre as suas feridas
o óleo da consolação e o vinho da esperança.
Pela graça curadora do teu Espírito
ilumina a difícil experiência da doença e da dor,
para que ele seja elevado no corpo e na alma
Que ele se junte a todos nós na ação de graças
Ao Pai das misericórdias.
Vós viveis e reinais para todo o sempre.*



VISITAR OS PRESOS

Se a história da violência do homem, um mal tão profundo, tão real, começa com Caim, ela termina na Cruz. Para triunfar, não há senão a morte de Deus. E se Jesus morre, escolhe fazê-lo entre dois criminosos. Um sai divinamente, passa da derrota à vitória absoluta, primeiro salvo pela morte de Cristo. O outro persistirá na sua rejeição da graça oferecida. Para compreender a obra de misericórdia para com os prisioneiros, é preciso partir do ensinamento de Jesus quando fala da oração do publicano e do fariseu (Lc 18,9-14).

Era uma vez dois homens: um era fariseu e o outro cobrador de impostos. Um dia, subiram ao Templo para rezar. O fariseu pôs-se de pé e rezou assim para si próprio: "Ó Deus, agradeço-te por não ser como os outros homens: ladrões, trapaceiros, adúlteros. Sou diferente até daquele agente do fisco. Jejuo duas vezes por semana e ofereço ao Templo a décima parte do que ganho".

O agente do fisco, pelo contrário, ficou de costas e nem sequer quis olhar para o céu. De facto, batia no peito, dizendo: "Ó Deus, tem piedade de mim, que sou um pobre pecador!" Garanto-vos que o cobrador de impostos me foi perdoado; o outro não. Pois aquele que se exalta será abatido; aquele que se abaixa será elevado.

A parábola começa por sublinhar o facto de que "ser justo" nunca é uma condição nativa da pessoa humana; de facto, o cristão nunca é justo perante Deus. O excesso de confiança na própria inocência, sobretudo quando tem como implicação prática uma atitude de julgamento e intolerância para com o próximo e os seus erros, é algo que deve fazer pensar. O cristão não se configura como um homem "justo", mas como um homem reconciliado, perdoado, justificado por Deus. É por isso que esta parábola mostra este "quadro" entre dois modelos: o homem que defende a sua justiça pessoal, que Deus não valida, e o homem que se rende perante a misericórdia de Deus e é justificado.

O caso: **História de Jacques Fesch**

O mundo prisional é, pela sua própria natureza, sombrio; e, no entanto, o mal, tanto físico como moral, pode tornar-se uma oportunidade para repensar seriamente a vida. Foi o caso de muitos. Penso na história de Jacques Fesch, um jovem ladrão e assassino do nosso tempo, nascido em 1930 e que acabou na guilhotina a 1 de outubro de 1957, por ter morto um polícia em Paris. Jaques, na solitária, pôde fazer um longo exame da sua vida e, pouco a pouco, redescobriu a sua fé. Lia muito, sobretudo os Evangelhos, até que encontrou a jovem carmelita Thérèse de Lisieux, que foi a sua guia espiritual até ao dia da sua execução. Escreveu cartas muito ternas à sua companheira Pierrette, com quem teve uma filha, Verónica, e com quem casou poucos dias antes de morrer. Durante os anos da sua provação, teve a oportunidade de encontrar Cristo, que na solidão da cela podia falar talvez mais claramente do que noutro lugar: "Também tu foste levado para onde não querias ir", escreve no seu diário, pensando em Jesus. Aos pés do Crucificado, aprende, escreve, "a aceitar a cruz, que pouco a pouco se tornará luz; a oferecer o seu sofrimento e as injustiças de que é vítima; a amar aqueles que nos chicoteiam. E assim, um dia, ouvir-me-ei dizer como o bom ladrão crucificado: "Em verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no paraíso".

"A graça visitou-me — concluiu — e uma grande alegria apoderou-se de mim, e sobretudo uma grande paz.... É a primeira vez que choro lágrimas de alegria, tendo a certeza de que Deus me perdoou." Na última noite da sua vida, a noite entre 30 de setembro e 1 de outubro de 1957, escreveu à sua filha uma carta muito comovente "para quando ela for mulher": "És tão bonita, Veronique!" Depois chegou o seu fim terreno, acolhido com paz: "Último dia de luta: amanhã a esta hora estarei no céu! Confio no amor de Jesus e sei que ele encarregará os seus anjos de me levarem nas suas mãos." A guilhotina que lhe cortou a cabeça libertou-o na realidade, como se liberta uma borboleta da sua crisálida. Agora, fala-se mesmo de um processo de beatificação para ele. Com Deus, até se pode transformar a cela da solitária numa pequena igreja, uma existência desorientada num caminho de santidade, uma lâmina de guilhotina numa auréola de luz!

A testemunha: **Don Giuseppe Cafasso (1811-1860)**

Confessor de Dom Bosco, Dom Cafasso dedicou-se aos últimos e aos encarcerados. O Papa Bento XVI disse dele: «Conhecia a teologia moral,

mas conhecia igualmente bem as situações e os corações das pessoas, cujo bem tomava sobre si, como o bom pastor. Aqueles que tiveram a graça de estar perto dele foram transformados por isso em outros tantos bons pastores e bons confessores. Indicou claramente a todos os sacerdotes a santidade a alcançar precisamente no ministério pastoral». Era um frequentador assíduo das prisões senatoriais, a ponto de lá ficar até altas horas da noite, por vezes toda a noite. Levava charutos e rapé, em vez da cal que os presos raspavam das paredes; mas sobretudo levava à conversão ladrões e assassinos hediondos. Eram arrependimentos lentos e atormentados; outras vezes, porém, eram conversões imediatas, que ocorriam mesmo momentos antes do enforcamento. O Papa Bento XVI disse ainda: "A partir da sua cátedra de teologia moral, educou bons confessores e diretores espirituais, preocupados com o verdadeiro bem espiritual da pessoa, animados por um grande equilíbrio para fazer sentir a misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, um sentido agudo e vivo do pecado".

Irmãos e irmãs da prisão: o jubileu, que nos faz encontrar um Pai que perdoa e consola, pode fazer milagres para todos e com todos. "Também o tempo passado na prisão — tescreve o Papa— é o tempo de Deus e deve ser vivido como tal. É um tempo que deve ser oferecido a Deus como ocasião de verdade, de humildade, de expiação e de fé. A experiência do Jubileu, mesmo na prisão, pode levar a horizontes humanos e espirituais não esperados". (Cardeal Gualtiero Bassetti, Arcebispo de Perugia)

ORAÇÃO de Paulo VI

*Tu és necessário para nós, ó nosso Redentor,
Para descobrir a nossa miséria e curá-la;
para ter o conceito do bem e do mal e a esperança da santidade;
para deplorar os nossos pecados,
especialmente quando as vítimas são crianças,
e para ter o seu perdão.*

*Tu és necessário para nós, ó grande paciente das nossas dores,
para conhecer o sentido do sofrimento, da exploração, da violência, e
para lhe dar um valor de expiação e de redenção.*

*Tu és necessário para nós, ó Cristo, ó Senhor, ó Deus conosco,
para caminhar na alegria e na força da tua caridade,
até o encontro final contigo amado, contigo esperado,
contigo bendito pelos séculos dos séculos. Amém*



ENTERRAR OS MORTOS

Mesmo esta última obra de misericórdia corporal não é tão simples e óbvia como se poderia pensar. Vítimas de ódios e guerras le guerre, inúmeros seres humanos permanecem sobre a terra como cadáveres. Talvez nem sequer nos comovamos. As intervenções respondem mais a preocupações higiénicas ou médicas do que a motivos de compaixão. Em todo o caso, tenho a impressão de que o acontecimento mais certo da nossa vida, a sua conclusão, navega em más águas nos nossos dias, despojado do mistério e da seriedade que lhe são devidos. De facto, a atitude em relação à “**nossa irmã morte**” — como lhe chamava S. Francisco — é hoje de um medo tremendo. A própria ideia é afastada. Não se fala dela. Dizemos, impessoalmente, que “nós morremos”, mas não consideramos seriamente que um dia ou outro nós também morreremos. É um problema dos outros. (Valentino Salvoldi)

«**Continua um massacre silencioso no Mediterrâneo**, com as mortes a mais do que duplicarem em 2015 em relação a 2014: de 1600 para mais de 3200. As mortes de crianças continuam, esquecidas: mais de 700 desde o início do ano». É o que denuncia o diretor-geral da Fundação Migrantes, Monsenhor Gian Carlo Perego. Mas deixemos a palavra ao **Papa Francisco**:

Quem é responsável? Todos e ninguém!

«Ainda hoje esta questão se coloca com força: Quem é responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso, serão outros, certamente não eu. Mas Deus pergunta a cada um de nós: “Onde está o sangue do teu irmão que clama a mim?” Hoje em dia, ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do padre e do acólito, de que Jesus falava na parábola do Bom Samaritano: olhamos para o nosso irmão meio morto na berma da estrada, talvez pensemos “coitado”, e continuamos o nosso caminho, não é a nossa função; e com isso tranquilizamo-nos,

sentimo-nos bem. A cultura da opulência, que nos leva a pensar em nós próprios, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver em bolhas de sabão, que são bonitas, mas não são nada, são a ilusão do fútil, do provisório, que leva à indiferença para com os outros, aliás, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habituíamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não é da nossa conta!

Adão, onde estás? Caim, onde está o teu irmão?

Estas são as duas perguntas que Deus faz no início da história humana e que faz também a todos os homens do nosso tempo, incluindo nós. Mas eu gostaria que fizéssemos uma terceira pergunta: "Quem de nós chorou por este facto e por factos semelhantes? Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que estavam no barco? Pelas jovens mães que levavam os seus filhos? Por esses homens que desejavam algo para sustentar as suas famílias? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência do choro, do "sofrer com": a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!" Herodes semeou a morte para defender o seu próprio bem-estar, a sua própria bolha de sabão. E isto continua a repetir-se... Peçamos ao Senhor que apague o que resta de Herodes até nos nossos corações; peçamos ao Senhor a graça de chorar a nossa indiferença, de chorar a crueldade no mundo, em nós, até naqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconómicas que abrem caminho a dramas como este. "Quem chorou?" Quem é que chorou hoje no mundo?» (Da homilia do Papa Francisco em Lampedusa, 8 de julho de 2013)

Não terás o meu ódio

O amor é mais forte que o ódio. E a vida é mais forte do que a morte. É o que se compreende, mais uma vez, ao ler a mensagem comovente escrita na sua página do Facebook por Antonie Leiris, companheira de uma das 89 vítimas do teatro Bataclan, em Paris. «Sexta-feira à noite, roubaram a vida a uma pessoa excecional, o amor da minha vida, a mãe do meu filho, mas não terão o meu ódio. Não sei quem sois e nem sequer quero saber. Sois almas mortas. Se esse Deus por quem matais cegamente nos fez à sua imagem, cada bala no corpo da minha mulher terá sido uma ferida no seu coração. Por isso, não vos darei o dom de vos odiar. Seria ceder à mesma ignorância que fez de vós o que sois.

Gostariam que eu tivesse medo, que olhasse para os meus concidadãos com desconfiança, que sacrificasse a minha liberdade pela segurança. Mas a vossa é uma batalha perdida. Vi-o esta manhã. Finalmente, depois de noites e dias de espera. Ela estava tão bonita como quando saiu na sexta-feira à noite, tão bonita como quando me apaixonei loucamente por ela há mais de 12 anos. Obviamente devastado pela dor, concedo-lhe esta pequena vitória, mas será de curta duração. Sei que ela acompanhará os nossos dias e que nos voltaremos a encontrar nesse paraíso de almas livres onde nunca entrarás. Restamos dois de nós, o meu filho e eu, mas somos mais fortes do que todos os exércitos do mundo. Não tenho mais tempo para ti, tenho de ir ter com o Melvil, que está a acordar da sesta. Ele tem apenas 17 meses e vai lanchar como todos os dias e depois vamos brincar juntos, como todos os dias, e durante toda a sua vida este “petit garçon” vai dar-vos a afronta de ser livre e feliz. Porque não, nunca terás sequer o seu ódio». (Massimo Gramellini)

Esta sétima meditação conclui as obras de misericórdia corporal

Podemos resumi-las dizendo que são as obras de caridade, a primeira das quais é purificar o nosso amor, ou seja, amar verdadeiramente. Sem esquecer que o verdadeiro amor se traduz em gestos concretos: somos chamados a recordar que somos amor e que, amando, nos transformamos em Amor. É por isso que a morte não terá a última palavra sobre nós. Um túmulo é demasiado pequeno para conter o nosso amor. Ressuscitaremos.

ORAÇÃO da Irmã Anna Maria Canopi

*Fica connosco, Senhor Jesus,
Porque sem Ti o nosso caminho afundar-se-ia na escuridão da noite.
Ficai connosco, Senhor Jesus,
Para nos guiar pelos caminhos da esperança que não morre
E alimentar-nos com o pão forte que é a tua Palavra.
Fica connosco, Senhor,
até à última noite, quando, depois de termos fechado os olhos,
os abriremos de novo ao teu rosto transfigurado pela glória
e também nós seremos encontrados nos braços do Pai no
Reino do esplendor eterno. Amém.*



DAR BONS CONSELHOS

Há muitos exemplos de dúvida que nos são apresentados nas Escrituras. Recordemos, por exemplo, a dúvida de **Zacarias** quando confrontado com o anúncio do anjo no templo: “Como posso saber isto? Sou velho, e a minha mulher é de idade avançada” (Lc 1,18). A esta dúvida contrapõe-se a dúvida “boa” de **Maria**: “Como é que isto é possível? Eu não conheço ninguém” (Lc 1,34). Recordamos também o episódio de **Nicodemos**, que visita Jesus durante a noite para resolver a sua dúvida: “Como pode um homem nascer sendo velho?” (Jo 3,4), “...como pode isto acontecer?” (Jo 3,9), assim como o jovem rico que pergunta ao Senhor: “Que devo fazer para ter a vida eterna? “ou a recordação que o evangelista Mateus faz do último encontro de Jesus com os seus discípulos no final do seu Evangelho: “Entretanto, os onze discípulos foram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, prostraram-se diante dele; mas alguns duvidaram”. (Mt 28,16-17).

O episódio mais conhecido é o de **Tomé**, em que a dúvida é mesmo expressa com força, quase como um ato de desafio: “... se eu não vejo” (Jo 20,24-29). Aqui agrada-me muito a atitude de Jesus, que não se esquivava à dúvida de Tomé, mas se submete ao seu pedido de verificação, quase como se o aprovasse. Também as nossas dúvidas perante situações incompreensíveis e inaceitáveis, como uma doença incurável, a morte de um jovem, o domínio aparentemente incontestado da violência, a injustiça, encontram grande destaque no Evangelho.

Mas a dúvida mais impressionante é aquela que captamos no **grito do Senhor na cruz**: “Meu Deus, porque Me abandonaste!”, onde se percebe que, perante o desafio supremo da morte, até Jesus, na sua natureza humana, também por causa da profunda proximidade e partilha do drama do homem, mergulha no denso e profundo nevoeiro da dúvida. Assim, em vez de ser a negação da fé, a dúvida pode ser entendida como inerente à própria estrutura da fé no Deus de Israel manifestado na história e revelado na humanidade de Jesus de Nazaré.

Por estas razões, penso que a pessoa que duvida deve ser, antes de mais, não julgada, mas **amada, acolhida e escutada** com grande respeito e atenção. Para termos a força de o fazer, recordemos a misericórdia de Deus para com as nossas dúvidas e as nossas muitas interrogações, e peçamos-lhe que se coloque perante a dúvida dos outros com a mesma misericórdia e humildade. Mas nós, que acreditamos, devemos também ter cuidado: porque o crente não é um detentor da verdade, mas permanece sempre um buscador dela, mesmo que essa verdade seja conhecida e confessada. Quem quer dar um bom conselho deve, em primeiro lugar, mostrar proximidade, amor e respeito pela pessoa que pede ajuda. É assim que Jesus era: próximo dos discípulos, dos doentes, dos sofrendores, dos pecadores. Vivemos numa cultura que exagera o individualismo e, por vezes, o capricho pessoal. É por isso que o aconselhamento dos duvidosos é visto com desconfiança numa cultura onde reina o relativismo. Além disso, todos sabemos que, se os nossos conselhos não forem precedidos de uma **reflexão séria e mesmo de uma oração**, correm facilmente o risco de se tornarem manipulações, mas, ao mesmo tempo, estamos conscientes de que dar conselhos esclarecedores pode revelar-se uma riqueza inestimável para a vida. É preciso encontrar o caminho certo, a medida deste exercício de caridade moral. “Saciando a sede de verdade daquele que duvida, com conselhos sábios que vêm do Senhor, terás cavado para ele um poço de água fresca.” Sabemos que hoje em dia muitas pessoas, devido à complexidade da vida e às dificuldades de a ler e interpretar, recorrem a adivinhos, leitores de palmas e cartas de tarot, astrologia e horóscopos. Este facto só vem confirmar o grande sentimento de desorientação e de incerteza dos nossos tempos, a par, no entanto, da necessidade de encontrar uma ajuda verdadeira e eficaz.

O Conselho

O conselho, com C maiúsculo, é um dos sete dons do Espírito Santo. O Espírito de Conselho, como sabemos, é aquele que ilumina o nosso coração para que compreendamos a maneira correta de falar e de nos comportarmos e o caminho a seguir. É ele que nos dá a capacidade de ler a vida e particularmente os assuntos mais difíceis e aparentemente sem esperança com os olhos de Deus. Esta capacidade, este poder, não vem de nós, mas é um dom que Deus põe generosamente à disposição: basta abrir o coração para o receber. Assim, a primeira e fundamental indicação diz respeito à importância de pedir o poder do conselho para poder compreender como Deus se posiciona perante a situação sobre a qual nos é pedido conselho.

O que é que Jesus diria agora? Que leitura faria ele da situação que nos é apresentada? Penso que quanto mais vivermos em união com Deus, quanto mais nos deixarmos interpelar e modelar pela sua Palavra, quanto mais nos alimentarmos dela, mais seremos capazes de viver em sintonia com a verdade e a justiça, e mais seremos também capazes de ler profundamente o coração das pessoas e a complexidade das situações para dizer uma palavra boa e útil a quem no-la pede. (Massimo Papotti)

Um episódio sobre o conselho dos cépticos relatado pelo Papa Francisco: “Lembro-me que uma vez, no santuário de Luján, eu estava no confessional, diante do qual havia uma longa fila. Havia também um rapaz que era todo moderno, com brincos, tatuagens, todas essas coisas... E veio contar-me o que se passava com ele. Era um problema grande e difícil. E ele disse: “Contei tudo isto à minha mãe e a minha mãe disse: **vai ter com a Nossa Mãe** e ela diz-te o que tens de fazer”. Aqui estava uma mulher que tinha o dom do conselho. Ela não sabia como resolver o problema do filho, mas indicou o caminho certo: vai ter com Nossa Senhora e ela dir-te-á. É esse o dom do conselho. Aquela mulher humilde e simples deu ao seu filho o conselho mais verdadeiro. De facto, este rapaz contou-me: Olhei para a Nossa Mãe e senti que tinha de fazer isto, isto e isto.... Eu não precisava de falar, a mãe dele e o próprio rapaz já tinham dito tudo. Este é o dom do aconselhamento. Vocês, mães que têm este dom, peçam-no para os nossos filhos. O dom de aconselhar crianças é uma dádiva de Deus”.

SEQUÊNCIA PARA O ESPÍRITO SANTO

Vinde, Espírito Santo

Enviai-nos do céu um raio da vossa luz.

Vem, pai dos pobres; vem, doador de dons; vem, luz dos corações.

Perfeito consolador; doce hóspede da alma, mais doce alívio.

Na labuta, descanso, no calor abrigo, no pranto conforto.

Ó luz bendita, invade no íntimo os corações dos teus fiéis.

Sem a tua força nada há no homem, nada sem culpa.

Lava o que é sórdido, banha o que é ressequido, cura

o que sangra. Dobrai o que está rígido, aquecei o que está gelado,

endireitai o que está perdido. Dá aos teus fiéis que confiam

que só em Vós confiam, os vossos santos dons.

Dai a virtude e a recompensa, dai a morte santa, dai a alegria eterna.

Amém.



ENSINAR OS IGNORANTES

«**O**brigado, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas coisas aos grandes e aos sábios e as deste a conhecer aos mais pequenos. Y Sim, Pai, assim o quiseste. E voltou a dizer: O Pai pôs tudo nas minhas mãos. Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aqueles a quem o Filho o dá a conhecer. Vinde comigo, todos vós que estais cansados e e sobrecarregados: Eu dar-vos-ei descanso. Recebam as minhas palavras e sejam ensinados por mim. Eu não trato ninguém com violência e sou bom para todos. Encontrareis paz, porque o que vos mando é para vosso bem; o que vos dou para carregar é um fardo leve». (Matt. 11)1)

Para se deixar instruir, é preciso pôr-se na pele dos pequeninos de que fala Jesus no Evangelho, colocando-se numa atitude de abandono, de confiança no mestre.

“Ao contrário das obras de misericórdia corporal, onde (geralmente, se não sempre) quem dá comida não tem fome e quem tem fome não está em condições de dar comida, aqui o benfeitor e o beneficiário não são propriamente distinguidos. De facto, é uma boa regra não os distinguir de todo: **destas “obras” todos somos destinatários**. É bom, portanto, que cada um de nós se considere ao mesmo tempo “instrutor” e “ignorante”, sábio conselheiro e duvidoso, campeão da justiça e pecador, e assim por diante.” (Card. Giacomo Biffi)

- 16% da população mundial não sabe ler nem escrever; 67 milhões são crianças, na sua maioria meninas, entre os 5 e os 9 anos de idade.
- ainda hoje, 72 milhões de crianças e 71 milhões de adolescentes não têm acesso a uma escola.
- também a nível mundial, 759 milhões de adultos não sabem ler nem escrever. Dois terços dos casos são mulheres.
- A situação de mais de um milhão de crianças sírias sem escola.

Haverá quem argumente que esta obra de misericórdia está um pouco fora de rumo no tempo em que vivemos, o tempo da Internet, o tempo em que quase todas as formas de conhecimento parecem estar ao alcance de um rato. Não há dúvida de que, na **era do Google**, o acesso à informação atingiu um nível de facilidade nunca antes experimentado na história da humanidade (pelo menos da chamada “conectada”), mas todos nós sentimos que uma coisa é ter informação, outra é saber, ou seja, mudar a forma de ver e interagir com o mundo. Uma experiência, a do conhecer, que o grande Agostinho de Hipona associava ao amor, para dizer que sem alguma forma de atração, de paixão, de transporte, de mudança, não pode haver verdadeiro conhecimento. (P.Roberto D’Avanzo)

Hoje, a estranha condição do homem é que ele sabe tudo, exceto as coisas que interessam, que faz as investigações mais complicadas e **fica mudo perante as questões fundamentais e mais simples**, que é capaz de ir buscar pedras à Lua e não consegue dizer a si próprio o que veio fazer à Terra. Ignorar qual é o sentido da nossa própria vida; ignorar qual é o destino que nos espera; ignorar se a nossa existência tem como premissa e razão um desígnio de amor ou um acaso cego: eis a noite absurda que objetivamente pede para ser iluminada. O primeiro e maior ato de caridade que se pode praticar para com o homem é dizer-lhe como são as coisas. O que significa também revelar-lhe a sua autêntica identidade. Esta é a primeira misericórdia que a Igreja exerce — deve exercer — para com a família humana: o anúncio incansável da verdade. (Cardeal Giacomo Biffi)

Plutarco, um filósofo Grego que viveu no início da era cristã, disse que: **“o professor** não é aquele que enche um saco, mas aquele que acende as chamas”, para dizer que ensinar é alargar horizontes, libertar interesses imensos, abrir bem os olhos para a beleza sem limites da realidade.

O homem de hoje tem muitas vezes muitos conhecimentos mas pouca sabedoria. A **sabedoria** diz-lhe como usar bem os meios do mundo, oferece-lhe padrões morais sólidos. Quantas pessoas ignoram estes princípios e, por isso, são prisioneiras dos pecados, das paixões, do egoísmo e, não raro, também da droga, do álcool, da pornografia, do crime organizado, etc.! Mais ainda: quantas pessoas vivem hoje na ignorância de Deus: a pobreza mais devastadora e destrutiva. Viver sem Deus significa, de facto, viver sem ponto de referência, sem luz, sem esperança! Quantas pessoas, embora baptizadas, não conhecem a fé,

nem a oração, nem os sacramentos. (Hermann Geissler F.S.O.)

Uma investigação que revela que 69% dos italianos nunca leram os quatro Evangelhos, que apenas 15% os leram pelo menos uma vez na vida, deixa estupefacto qualquer pessoa que se preocupe com a qualidade da vida cristã e com a transmissão da fé às novas gerações. Os dados são especialmente espantosos quando se considera que a maioria destas pessoas se diz “crentes” e 17% até praticam a fé.

A Igreja «exorta com veemência e insistência todos os fiéis a aprenderem "a sublime ciência de Jesus Cristo" (Fil. 3, 8) através da leitura frequente das divinas Escrituras. "Porque a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo"» como diz S. Jerónimo. (Catecismo da Igreja Católica 133)

«**O próprio Deus é o primeiro educador** que se revelou a nós, criaturas, que ignorávamos a essência íntima da sua vida trinitária: “Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se em pessoa e manifestar o mistério da sua vontade, pelo qual os homens, por Cristo feito carne, têm acesso ao Pai no Espírito Santo. Com efeito, por esta revelação, o Deus invisível fala aos homens como a amigos, para os convidar e admitir à comunhão consigo mesmo». (Dei Verbum, Concílio Vaticano II)

ORAÇÃO (Sb 9,1-6. 9-11)

Deus dos pais e Senhor de misericórdia, que criaste todas as coisas pela tua palavra, que com a tua sabedoria formaste o homem, para que domines sobre as criaturas que fizeste, e governes o mundo com santidade e justiça, e pronuncies sentenças com uma mente reta,

dá-me sabedoria, a mim que me sento ao teu lado nos tronos, e não me exclus do número dos teus filhos, porque sou teu servo e filho da tua serva, um homem fraco e de vida curta, incapaz de compreender a justiça e as leis.

Mesmo o mais perfeito dos homens, privado da vossa sabedoria, seria considerado um nada. Contigo está a sabedoria que conhece as tuas obras, que estava presente quando criaste o mundo; ela sabe o que é agradável aos teus olhos e o que está de acordo com os teus decretos.

Send her from the holy heavens, from your glorious throne, that she may assist me and be with me in my labor and I may know what is pleasing to you. Amém



CORRIGIR OS QUE ERRAM

«**C**omo poderás dizer ao teu irmão: deixa-me tirar o argueiro do teu olho, enquanto no teu olho está a trave?» (Mt. 7:4).

Corrigir os que erram, uma ação muito delicada que exige muita humildade e muito amor para que não se transforme num ato inaceitável de intromissão na vida dos outros. Corrigir os que erram deve ser feita como quando vestimos um pobre porque o vemos na sua nudez e temos verdadeira compaixão por ele. Depois, vestimo-lo em nome de Cristo, com amor, sem lhe perguntar porque está nu... essa pergunta cabe a Deus, como quando perguntou a Adão: “E quem te disse que estavas nu?” Quando Adão comete o primeiro pecado, apercebe-se pela primeira vez de que está nu. Deus perguntou-lhe: “Onde estás?” Ele respondeu: “Ouvi os teus passos no jardim: Tive medo, porque estou nu, e escondi-me”. E continuou: “Quem te fez saber que estavas nu?...”» (Gn 3,1-22). Corrigir quem erra é adverti-lo dos pecados que comete e, portanto, da sua nudez. (Lucetta Scaraffia)

“Pecadores” e “admoestação” são duas palavras que nos custam a ouvir. O Papa Francisco diz muitas vezes que é um pecador. Todos nós somos pecadores. Mas tantas pessoas do nosso tempo não concordam com esta afirmação, não se consideram pecadoras, mas sim justas, com algum pequeno defeito “humano”.

O sentido do pecado desapareceu em muitos corações. Esta é uma consequência lógica do desaparecimento do sentido de Deus. Pio XII dizia, nos anos 50, que “o pecado do século é a perda do sentido do pecado”. O que diria ele hoje?

Acrescenta-se um outro problema: atualmente, tudo o que diz respeito a Deus, à religião e ao pecado é considerado **“coisa privada,”** e entrar nessa esfera é visto como interferir na esfera privada do outro, como não respeitar a sua consciência e a sua liberdade. Isso seria contrário à tolerância e à paz necessárias e, portanto, um comportamento

antissocial. Mas esta posição é inaceitável, porque reduz a religião a uma “coisa privada”, quando na verdade ela diz respeito a toda a vida, à nossa relação com Deus, com o próximo, com o mundo, conosco próprios. Por isso, é importante despertar as consciências, falando de Deus e da sua verdade e chamando pelo nome os pecados graves que destroem o ser humano, a família e a sociedade: superstição, idolatria, blasfêmia, ódio, aborto, adultério, divórcio, fraude fiscal, jogo, maledicência, etc. Tentar, com doçura, fazer com que as pessoas que cometem tais pecados compreendam que não estão a seguir o caminho da vida não é uma ofensa contra elas, mas — pelo contrário — é uma verdadeira obra de misericórdia.

Reconhecer a maldade do próprio pecado é a primeira condição para que, com a ajuda da misericórdia divina, a pessoa possa deixar o caminho que conduz à morte, para que possa curar-se e reencontrar a vida. São Tiago escreve: “Meus irmãos, se um de vós se afastar da verdade e outro o reconduzir a ela, ficai sabendo que aquele que reconduzir um pecador do seu caminho de erro salvá-lo-á da morte” (Tg 5,19s) Podemos ser “médicos espirituais” uns para os outros. (Hermann Geissler F.S.O.)

A misericórdia é a forma como Deus-Trindade se relaciona com o pecador

No momento em que o mal, o pecado, entra na vida de uma pessoa, o comportamento de Deus é intensificar o Seu amor por essa pessoa. O objetivo de Deus é **“tornar justa”** a pessoa que praticou o mal: libertá-la do mal, colocá-la de novo em “relação correta” consigo mesmo, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. «Não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva». A Intervenção de Deus é “mais amor”, um investimento mais intenso de amor gratuito, na esperança de que o pecador se aperceba que é amado e regresse a Ele.

A justiça de Deus-Trindade-Misericórdia deseja que o pecador, aceitando o seu Amor gratuito, regresse a Ele; é a **conversão por amor**.

Ajuda-o a reconhecer o seu pecado para se decidir a abandoná-lo, porque o pecado destrói o seu projeto de amor que dá sentido à vida de cada um. Assim, Deus-Trindade-Misericórdia retoma o seu diálogo de amor para que a pessoa “viva”.

Esta sequência pode ser designada como uma **“super dádiva”, o perdão**. Isto é Misericórdia.

A ação de Deus não é para apagar o pecado, para esquecer os pecados, mas dirige-se à pessoa do pecador: **uma intervenção reconstrutiva**. O Deus-Trindade-Misericórdia JUSTIFICA, torna a pessoa justa, isto é, capaz de retomar o diálogo com Ele. O vértice da Misericórdia é esta Justiça de Deus: criadora, restauradora, justificadora, restituindo ao homem a sua dignidade de “filho de Deus”. (F.C.)

«...é necessário reconhecer que somos pecadores para reforçar em nós a certeza da misericórdia divina. “Senhor, eu sou pecador; Senhor, eu sou pecador: vem com a tua misericórdia”. Esta é uma bela oração. É uma oração fácil de dizer todos os dias: “Senhor, sou pecador; Senhor, sou pecador: vinde com a vossa misericórdia”».

(Papa Francisco)

Oração pela conversão dos pecadores

Jesus disse à Irmã M. Faustina Kowalska: “A oração pela conversão dos pecadores é muito agradável para Mim. Concedo-a sempre”.

*Jesus, a verdade eterna e a nossa vida,
como um mendigo imploro a vossa misericórdia para com os pecadores.
Coração dulcíssimo do meu Senhor, cheio de compaixão e misericórdia,
suplico-Vos por eles.*

*Oh Coração, fonte de Misericórdia,
do qual jorram sobre toda a humanidade incomparáveis raios de graça,
peço-Vos luz para aqueles que estão em pecado.*

*Jesus, lembrai-Vos da Vossa amarga paixão
e não deixeis perder-se as almas resgatadas
tão caro pelo Vosso sangue.*

*Oh Jesus, quando medito no grande valor do teu sangue,
regozijo-me com essa grandeza
porque embora o pecado seja um abismo de ingratidão e maldade,
mas o preço que foi pago por ele
é infinitamente maior do que o pecado.*

*Uma alegria imensa acende-se no meu coração
admirando esta vossa inconcebível bondade.*

*Oh meu Jesus, desejo levar todos os pecadores aos vossos pés,
para que glorifiquem a vossa Misericórdia que é infinita. Amém*



CONSOLAR OS TRISTES

«**E**u rogarei ao Pai, e ele dar-vos-á outro Consolador, o Espírito da
Espírito de verdade, que o Pai enviará em meu nome; ele ensinar-
vos-á todas as coisas e recordar-vos-á tudo o que vos tenho dito»

(Jo. 14:25-26)

Um ícone evangélico, misterioso e profundo da consolação dos aflitos é o de Jesus na noite da sua paixão.

«Chegando ao local, disse-lhes, "Orai, para que não entreis em tentação." Depois afastou-se deles cerca de um tiro de pedra, ajoelhou-se e orou, dizendo "Pai, se for da tua vontade, afasta de mim este cálice! Contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua." Então, apareceu-lhe um anjo do céu para o consolar. Ele entrou na luta e orou mais intensamente, e o seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam no chão. Depois, levantando-se da oração, foi ter com os discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza». (Lc 22,39-45)

A dor de Jesus enche os seus discípulos de tristeza, e eles fogem da aflição de Jesus refugiando-se no sono. Só um anjo, que vem do céu, consegue ficar perto de Jesus e consolá-lo: não se sabe o que ele fez ou disse, mas dá a Jesus a força para entrar profundamente na luta e não cair na desesperança. (Comunidade Beato Paulo VI)

Talvez nunca como nesta época da ditadura do relativismo o homem — que sempre e em toda parte “implora por sentido e realização” — esteja tão carente de sentido e perspectiva e, portanto, tão aflito. O uso massivo de **medicamentos ansiolíticos** — em todo o mundo — nos dá um sinal confiável e alarmante disso. A falta de bens, materiais e espirituais; a doença e o sofrimento; a desorientação e o abandono nos fazem chorar. Quem, então, pode consolá-lo? E que características deve ter o consolo para ser eficaz? Jesus, antes de ascender ao Pai, prometeu aos homens o Consolador perfeito, como é chamado na sequência do Veni Sancte Spiritus: **Consolador Perfeito**, doce hóspede da alma, doce

alívio. Paracleto é o termo pelo qual São João, no seu evangelho, se refere ao **Espírito Santo**. Retirado da linguagem jurídica, o equivalente em latim é *advocatus*, literalmente “chamado para perto”, o advogado entendido como defensor e, por extensão, consolador. Nos textos jurídicos, indica, num julgamento, “aquele que está ao lado do acusado” para o defender. (Chiara Mantovani)

Aqueles que se propõem a consolar os aflitos nunca ficarão desempregados neste mundo; consolar os aflitos é, sem dúvida, uma das obras de misericórdia mais praticáveis e sempre necessárias, mas que certamente não pode ser delegada a uma instituição de assistência social.

O Papa Bento XVI escreve no número 28 da sua encíclica ***Deus caritas est*** (Deus é amor): «O amor — caritas — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Nenhuma ordem estatal justa poderá jamais tornar supérfluo o serviço do amor. Aqueles que querem eliminar o amor também querem eliminar os seres humanos como tais. Haverá sempre sofrimento que requer consolo e ajuda. Haverá sempre solidão. Haverá sempre situações de necessidade material em que a ajuda é essencial como expressão de amor concreto pelo próximo. O **Estado** que quer providenciar tudo, que absorve tudo para si mesmo, acaba por se tornar uma agência burocrática incapaz de garantir o que é essencial para a pessoa que sofre — para todas as pessoas — :a dedicação pessoal e amorosa. O que precisamos não é de um Estado que regule e domine tudo, mas sim de um Estado que reconheça e apoie generosamente, em conformidade com o princípio da subsidiariedade, as iniciativas que surgem das várias forças sociais e combinam espontaneidade e proximidade com as pessoas que precisam de ajuda. A Igreja é uma dessas forças vivas: nela pulsa a dinâmica do amor suscitada pelo Espírito de Cristo».

Os aflitos não devem ser consolados, mas sim consolados. O uso do verbo “**consolar**”, (não confundir com «confortar») indica uma ação positiva que, ao responder às necessidades dos outros, elimina as causas do sofrimento e recria as condições anteriores de bem-estar. Enquanto o conforto se limita a uma exortação moral piedosa e inútil, a consolação deve ter como objetivo eliminar as causas do sofrimento. Quando isso não acontece, a consolação torna-se um incómodo, como se queixou Jó, afligido por uma enormidade de infortúnios, com amigos a tentar fazê-lo compreender a razão de tantos infortúnios: “Já ouvi muitas coisas

semelhantes! Vocês são todos **consoladores irritantes**. Não haverá fim para essas palavras vazias? Eu também poderia falar como vocês se estivesse no lugar de vocês: eu os afogaria com palavras... eu os consolaria com a minha boca..." (Jó 16:1-4) (Alberto Maggi)

Consolar é um esforço que exige trabalho sobre si mesmo. As palavras e atitudes daqueles que oferecem as suas condolências são muitas vezes o orgulho da superficialidade, o triunfo do embaraço, um ritual obrigatório do qual não se pode escapar, mas ao qual não se está à altura. Somente aqueles que já passaram por um luto e foram capazes de conviver com a dor, aceitar o vazio, deixar-se moldar pela perda, podem dignificar esse encontro com a sua discrição e compreensão do que está a acontecer na alma do enlutado. E as palavras ou gestos "apropriados" feitos aos enlutados permanecem gravados na memória daqueles que os receberam como uma joia preciosa e rara. Tal é o poder do consolo. (F. Lamendola)

Um jornalista insistiu em fotografar os olhos dela porque "a Madre tinha um rosto feio, mas os olhos mais bonitos e felizes, nunca vistos nem mesmo em atores, rainhas, modelos...". **Madre Teresa** ao ouvir isso, respondeu: "Quer saber por que os meus olhos são tão felizes? O segredo é muito simples: os meus olhos são felizes porque as minhas mãos enxugam tantas lágrimas! Faça o mesmo, garanto-lhe que sentirá a mesma alegria!" Testemunho do Cardeal Angelo Comastri)

À Nossa Senhora da Consolação

*escolhida por Deus para se tornar Mãe do Salvador
pelo Espírito Santo,*

ouve com misericórdia as nossas orações :

*Tu, que tens a cruz como teu cajado, suportaste momentos de dor
indescritível, sabes compreender aqueles que choram
e tens o poder de enxugar as nossas lágrimas.*

*Nós te imploramos: vem em auxílio e consola com amor maternal
todos aqueles que, confiantes, te invocam deste vale de lágrimas.*

*Visita as nossas famílias, conforta os doentes,
protege as crianças e os jovens,*

e traz de volta ao caminho certo aqueles que se perderam.

*Tu que agora estás ao lado do Divino Filho, certamente abençoada,
sustenta a nossa fé, reaviva a nossa esperança,*

*aumenta a nossa caridade, para que, seguindo o teu maravilhoso exemplo,
possamos um dia alcançar-te na felicidade eterna. Ámen.*



PERDOAR AS INJÚRIAS

É a única obra de misericórdia que não olha para as pessoas. Mas concentra-se numa coisa: a ofensa. É mais abrangente. Não tem limites. Não se limita a uma categoria, porque abrange e envolve o coração de todos nós. Dia após dia. Porque o perdão é, de facto, decisivo e discriminatório na construção da sociedade e da família. Porque parte do coração e fala ao coração! **O perdão é, portanto, o ápice para o crente.** É a ação humana que mais se aproxima do divino. Mas **o valor social do perdão das ofensas** também é imenso. Onde há perdão, há um jardim, crescimento, o perfume da bênção. Por outro lado, onde não há perdão, o deserto avança e tudo se fecha em si mesmo, fica paralisado.

E assim como o perdão é a ação que nos aproxima mais de Deus Pai, também é o sinal mais verdadeiro da nossa dignidade como seres humanos. No perdão, o céu e a terra, Deus e o homem, a humildade e a grandeza estão maravilhosamente entrelaçados. (Giancarlo Bregantini)

No momento mais dramático da sua presença terrena, **Jesus** quebra as correntes que lhe foram colocadas pelos seus agressores, derruba o muro construído pelos seus algozes, comovendo profundamente os nossos corações com o perdão que oferece aos seus algozes, dissipando instantaneamente a escuridão daquele momento terrível, quando pede ao Pai que os perdoe: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.” (Claudio Barbieri)

Entre as instruções evangélicas inéditas, a mais surpreendente talvez seja esta: “Se o teu irmão pecar sete vezes ao dia contra ti e **sete vezes ao dia** te disser: Eu me arrependo, tu o perdoarás” (Lucas 17:4). Isso já é uma tarefa difícil; mas, pelo menos, estamos a lidar com um ofensor que pede desculpa. Na realidade, o ensinamento geral de Cristo é mais amplo e incondicional: “E, quando estiveres a orar, se tiveres alguma coisa contra alguém, perdoa-lhe, para que o teu Pai que está nos céus também te perdoe os teus pecados” (Mc 11, 25).

Nesta escola, os apóstolos ensinam: “Não retribuais a ninguém mal por mal (Rm 12,17); pelo contrário, “abençoei aqueles que vos perseguem” (Rm 12,14). É uma linguagem que já ouvimos tantas vezes que já não nos impressiona. Mas a sua aplicação prática está muito longe dos costumes humanos, nos quais predominam os ressentimentos e os rancores cultivados. Uma das causas mais fortes do **mal-estar social** ié o ódio e a vingança desenfreados, que desencadeiam uma cadeia interminável de represálias e, portanto, de sofrimento. Daí a importância da quinta misericórdia que a Igreja traz ao mundo: o incentivo para que a “cultura do perdão” prevaleça em todos. (Cardeal Giacomo Biffi)

A Oração do Senhor coloca-nos firmemente sob uma lupa, confrontando-nos com as nossas responsabilidades e convidando-nos a examinar conscientemente a nossa posição. Que, por um lado, devemos ser ativos em dar substância ao perdão e, por outro lado, devemos confiar na misericórdia do Senhor quando pedimos perdão. “...e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores...” Percebemos imediatamente que no processo do perdão há uma verdade substancial: aqueles que estão **conscientes do perdão de Deus** sabem perdoar. Porque quando olhamos para aqueles que nos ofenderam com compaixão e misericórdia, também reconhecemos que somos ofensores e, portanto, precisamos pedir humildemente e com confiança o perdão de Deus. (Claudio Barbieri)

A coragem e a força para perdoar estão no centro da vida Cristã, mas também são o caminho para construir relações humanas profundas e duradouras. Jesus convida-nos constantemente a perdoar as ofensas. É claro que perdoar é difícil, no mundo às vezes parece uma reação fraca, quase contra o nosso instinto espontâneo. **A vingança**, por outro lado, parece ser a reação de uma pessoa forte. Mas a vingança não resolve nada, pelo contrário: torna o coração cada vez mais amargo, fecha-o em si mesmo, age como um veneno que pode ter efeitos devastadores. (Hermann Geissler F.S.O.)

O perdão "de coração" ajuda-nos a **não guardar um dossier** mental sobre a outra pessoa, que é sempre reativado quando acontece outra pequena coisa. Neste sentido, o seguinte convite da Madre Júlia é muito importante: "Que hoje seja o dia em que você ponha um fim ao passado. Que hoje seja o dia em que você queime todos os livros de dívidas, os registros e declarações que ainda guarda no seu coração: queime tudo no fogo do amor misericordioso de Deus. Isso mesmo, acenda uma

uma grande fogueira: quanto maior a dívida, mais forte será a luz que irromperá. Comportem-se de maneira diferente uns com os outros, como se estivessem se vendo pela primeira vez; sim, repito, esqueçam tudo o que guardaram na mente. Recomecem com a ajuda da graça e da fé.” (25 de Janeiro de 1981). (A Venerável Madre Júlia, mexicana, 1881-1974 - Missionárias Filhas da Virgem Maria Puríssima)

Mas quão longe a humanidade chegou nesta jornada difícil e exigente, mas **libertadora, ao longo do caminho para o perdão!** E a cada passo, a cada etapa, a humanidade cresceu. Libertou-se da tragédia da vingança, da teorização positiva da guerra (mesmo que permaneça nos nossos corações como uma trágica "loucura!"), da pena de morte!

E agora, a partir do perdão das ofensas, temos novos **objetivos desafiadores** a alcançar, como a verificação e melhoria do sistema prisional, a eliminação progressiva da prisão perpétua, novos espaços para a reconciliação na família, uma abordagem respeitosa à política e aos sindicatos, a força da não violência... o cuidado da Criação!

ORAÇÃO

O plano amoroso de Deus Pai, o seu coração, é claramente revelado no famoso prefácio da segunda oração eucarística da reconciliação, que diz o seguinte:

*“Reconhecemos o teu amor paternal quando amoleces a dureza do homem e, num mundo dilacerado por conflitos e discórdias, o tornas disponível para a reconciliação.
Pelo poder do Espírito, tu agis no íntimo dos nossos corações, para que os inimigos se abram ao diálogo,
os adversários se deem as mãos
e os povos se encontrem em harmonia.
Pelo teu dom, ó Pai, a busca sincera pela paz extingue as disputas, o amor vence o ódio e a vingança é desarmada pelo perdão!” Amém.*



SOFRER COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

Un texto famoso da tradição cristã, especificamente Franciscana, permite-nos apresentar-nos criticamente a esta obra de misericórdia de uma forma crítica e problemática. **Nos Fioretti, Francisco** explica ao irmão Leão em que consiste a alegria perfeita e diz-lhe:

Quando estivermos em Santa Maria degli Agnoli, molhados pela chuva e congelados pelo frio, enlameados com lótu e afligidos pela fome, e batemos à porta do lugar, e um porteiro vier zangado e disser: Quem são vocês? E nós diremos: Somos dois dos seus frades; e ele dirá: Não dizem a verdade, mas sim são dois malandros que andam por aí a enganar o mundo e a roubar as esmolas dos pobres; vão-se embora; e ele não nos abrirá a porta e nos deixará ficar lá fora na neve e na chuva, com frio e fome até ao anoitecer; Então, se suportarmos tal injúria e tal crueldade e tantas despedidas, suportaremos pacientemente, sem nos aborrecermos e sem resmungarmos contra ele, e pensaremos humildemente que aquele porteiro nos conhece verdadeiramente, que Deus o faz falar contra nós; oh irmão Leo, escreve que aqui está a alegria perfeita. E se, de facto, perseverarmos em bater à porta e ele sair irritado e, como um rufião importuno, nos expulsar com insultos e golpes, dizendo: “Vão-se embora, seus ladrões vis, vão para o hospital, pois aqui não comerão nem terão abrigo. Se suportarmos isso com paciência, alegria e boa vontade, ó irmão Leo, escreva que ali há alegria perfeita.”

E se nós, constrangidos pela fome, pelo frio e pela noite, batemos à porta, chamamos e rezamos pelo amor de Deus com grande choro para que ele abra e nos deixe entrar, e aqueles mais revoltados dizem: Estes são malandros incômodos, vou pagar-lhes bem como merecem; e ele saíria com um bastão, agarrar-nos-ia pelo capuz, atirar-nos-ia ao chão, envolver-nos-ia na neve e espancar-nos-ia com aquele bastão, nó por nó: se suportarmos todas estas coisas com paciência e alegria, pensando nos sofrimentos do abençoado Cristo, que devemos suportar por seu amor; oh irmão Leo, escreva isso aqui e nisso há alegria perfeita.

O texto nos pergunta: **quem está a “incomodar”** nesta história? Os dois frades que insistem em bater à porta procurando abrigo do frio e da noite? Ou aqueles que não querem recebê-los, inventando desculpas e não ouvindo a razão? Ou melhor: quando uma pessoa é considerada um incômodo? Quando e por que ela nos incomoda? Quando sentimos que uma pessoa é insuportável? Por que um determinado comportamento de uma pessoa nos incomoda? Ao percebermos o incômodo diante de alguém e ao sentirmos a sua insuportabilidade, há também **uma revelação de nós mesmos para nós mesmos**. Quando consideramos alguém incômodo e irritante, pode ser simplesmente a expressão de sentimentos egoístas e racistas, ou de medo e recusa em enfrentar a situação. Por exemplo, considere o sentimento que muitas pessoas têm em relação aos imigrantes que vêm para o nosso país.

Além disso, este texto apresenta um caso sensacional de recusa de paciência e tolerância para com aqueles que são considerados irritantes, mas também um caso heróico de tolerância e paciência para com a insuportabilidade dos outros, que se transformou em violência agressiva. Essa resistência é fundamentada no Evangelho e no exemplo de Cristo e é possibilitada pela fé. De facto, Francisco continua a sua conversa com o irmão Leão afirmando que a **graça do Espírito Santo** é ser capaz de vencer a si mesmo e suportar voluntariamente a dor, os insultos, a vergonha e as dificuldades por amor a Cristo, sem se vangloriar disso, mas colocando o seu orgulho exclusivamente na cruz de Cristo: “Na cruz da tribulação e da aflição podemos gloriar-nos, pois o Apóstolo diz: Quero gloriar-me apenas na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (Gal 6,14)”.

A paciência o olhar amplo de Deus para o homem, um olhar que não se detém nos detalhes, nos contratempos, que não considera o pecado como definitivo, mas o coloca dentro de toda a jornada existencial que o homem é chamado a percorrer. Portanto, expõe Deus ao risco de não ser levado a sério, de ser “usado” pelo homem. Em Cristo, e particularmente na sua paixão e morte, a paciência de Deus atinge o seu auge na assunção radical da inadequação e fraqueza do homem, do seu pecado.

Em Cristo, Deus aceita “carregar o fardo”, “suportar” a incompletude e a inadequação humanas, assumindo a responsabilidade pelo homem e pela sua falibilidade. A “paciência de Cristo” (2 Ts 3,5) expressa assim o amor de Deus, é o seu sacramento.

Hoje, porém, a paciência perdeu muito do seu encanto: os tempos apressados levam à impaciência, a não adiar as coisas, a “tudo e imediatamente”, a uma posse que não deixa espaço para a espera. A autoafirmação individualista torna-se **uma relutância em esperar e compreender os outros**, que rapidamente correm o risco de se tornar irritantes ou incômodos, certamente no caminho. E assim, a paciência, que outrora era uma forma sábia e humana de viver no mundo, é agora relegada ao esquecimento. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer realisticamente que a paciência nem sempre é uma virtude, assim como a impaciência nem sempre é uma não virtude.

A paciência é uma arte. Não tem nada a ver com sofrimento passivo. Pelo contrário, quem não tem paciência está muito mais sujeito a sofrer. A paciência, mas com liberdade e amor, para com aqueles que são irritantes, desagradáveis, enfadonhos ou lentos, está em consonância com o amor ao inimigo (cf. Mt 5, 38-48; Lc 6, 27-35). E requer trabalho sobre si mesmo para aprender a reconhecer e amar o inimigo dentro de nós, o que é irritante em nós, o que é insuportável para nós mesmos e que Deus, em Cristo, suportou pacientemente, amando-nos incondicionalmente. Desta forma, a paciência torna-se uma abertura para o futuro para o outro, uma confirmação de confiança nele, uma luta junto com ele e por ele contra a tentação do desespero. (Luciano Manicardi)

PERGUNTEI A DEUS, de Kirk Kilgour

Pedi a Deus que me desse força para realizar grandes projetos:

Ele me tornou fraco para me manter humilde.

Pedi a Deus que me desse saúde para realizar grandes feitos: Ele me deu dor para compreendê-la melhor.

Pedi-lhe riqueza para possuir tudo:

Ele me tornou pobre para não ser egoísta.

Pedi-lhe poder para que os homens precisassem de mim: Ele deu-me humilhação para que eu precisasse deles. Pedi a Deus tudo para desfrutar da vida:

Ele deixou-me a vida para que eu pudesse apreciar tudo.

Senhor, não recebi nada do que pedi,

mas deste-me tudo o que eu precisava e quase contra a minha vontade.

As orações que não fiz foram atendidas.

Sê louvado, ó meu Senhor,

entre todos os homens, ninguém possui o que eu tenho!



ROGAR A DEUS POR VIVOS E DEFUNTOS

Rezar a Deus. A mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz de 2016 começa com três afirmações muito significativas: **“Deus não é indiferente! Deus preocupa-se com a humanidade, Deus não a abandona!”** Deus é o arquiteto sábio da minha vida. Não posso fazer os meus planos, agir de acordo com eles e depois esperar que Deus faça o trabalho manual na construção.

Construímos juntos, em “colaboração”. Precisamos estar cientes da inversão de perspectiva que o Cristianismo traz em relação à oração pagã: **o pagão reza para conquistar os deuses**, para capturar o seu favor, para colocá-los do seu lado. Para o cristão é o contrário: não tenho de convencer Deus, porque Ele já está do meu lado, do lado do que é bom. Sou eu que preciso de me convencer e colocar-me do lado de Deus; **não rezo para converter Deus, mas para converter os outros e a mim mesmo com eles.**

Para os vivos

A obra de misericórdia que estamos a examinar em profundidade refere-se, em particular, à **oração de intercessão**, a oração pelos outros.

Interceder significa “interpor-se”, “colocar-se entre”, colocar-se entre duas partes para tentar construir uma ponte, uma comunicação entre elas.

“Caminhar no meio”, pronto para ajudar cada uma das duas partes. Na intercessão, assumimos os fardos daqueles por quem rezamos: é uma oração que se refere ao plano de Deus e nos permite participar na sua obra de salvação. Usando uma imagem do livro de Jó, podemos dizer que o intercessor é aquele que coloca **uma mão em Deus e outra no homem**, tornando-se uma ponte entre os dois: “Não há um juiz entre nós que possa impor as mãos sobre nós?” (Jó 9:33).

Cada cristão é chamado a interceder e a desempenhar um papel especial em relação a toda a humanidade: quem segue Jesus compartilha a

responsabilidade pela salvação do mundo inteiro. Portanto, a presença de muitos intercessores é um meio para realizar uma comunidade que corresponde ao plano de Deus e promover a obra de reconciliação entre os indivíduos, povos, culturas e religiões, e entre o homem e seu Deus. Este grande rio de intercessão está imerso no oceano da intercessão de Cristo.

Jesus o intercessor

Pensemos em sua posição na cruz, quando seu estar entre o céu e a terra, com os braços estendidos para levar todos os homens a Deus, se torna uma narração do resultado final da intercessão: **a entrega da vida pelos pecadores** por parte daquele que é santo, o "morrer por" o injusto pelo justo. A oração de Jesus na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem" (Lc 23,34) resume uma vida inteira passada diante de Deus pelos outros e mostra Jesus que se tornou intercessão através da sua própria vida e morte. O Senhor ressuscitado continua a interceder por toda a humanidade do alto. São Paulo escreve aos romanos: "Ressuscitou dos mortos, está agora à direita de Deus e intercede por nós" (Rm 8,34).

Para os mortos

A Igreja sempre nos convidou a rezar pelos mortos, em particular oferecendo por eles a Celebração Eucarística: é a melhor ajuda espiritual que podemos dar às suas almas, especialmente aos mais abandonados. Na *Lumen gentium* lemos que a Igreja: "desde os primeiros dias da religião cristã teve uma reverente consideração pela memória dos mortos" (LG 50). Orando pelos mortos, a Igreja insere-se no plano de salvação de Deus que tem como meta o Reino, a ressurreição final, a vida eterna. Na base desta oração há, portanto, um **vínculo de solidariedade** no amor mútuo: rezamos pelos mortos porque os amamos. E eles também continuam a amar-nos, com um amor ainda maior do que o que tinham por nós durante a sua vida terrena, porque agora já não estão limitados pela fragilidade da natureza humana; agora amam com a mesma força do amor de Deus.

Na oração experimentamos uma comunhão com eles, enquanto lhes pedimos que nos acompanhem do céu e falem sobre nós a Deus; expressamos também uma convicção de que o amor é mais forte do que a morte. Porque o físico não pode dissolver os laços de amor e caridade,

que nos unem todos num só corpo. Quando rezamos pelos defuntos, basta-nos saber que o seu amor a Deus continua a crescer e que eles precisam do nosso apoio, assim como nós precisamos do deles. (Andrea Brandolini Colegiado de San Giovanni in Persiceto 17 de Janeiro de 2016 Catequese para adultos)

ORAÇÃO do Papa Francisco

*Deus de infinita misericórdia,
confiamos à tua imensa bondade
aqueles que deixaram este mundo para a eternidade,
onde esperas toda a humanidade,
redimida pelo precioso sangue de Cristo, teu Filho,
que morreu para expiar os nossos pecados.
Não olhes, Senhor, para as muitas formas de pobreza, miséria e
fraqueza humana ,
quando comparecermos perante o teu tribunal,
para sermos julgados pela nossa felicidade ou condenação.
Volte o vosso olhar misericordioso para nós,
que nasce da ternura do vosso coração,
e ajude-nos a caminhar no caminho da purificação completa.
Nenhum dos vossos filhos deve perder-se no fogo eterno do inferno,
onde não pode haver arrependimento.
Confiamos a vós, Senhor, as almas dos nossos entes queridos,
das pessoas que morreram sem o conforto sacramental,
ou que não tiveram a oportunidade de se arrepender, mesmo no
final das suas vidas.
Que ninguém tema encontrá-lo, após a peregrinação terrena,
na esperança de ser acolhido nos braços da sua infinita misericórdia.
Irmã Morte Corporal, que sejamos encontrados vigilantes na oração
e carregados de todas as boas ações realizadas durante o curso
da nossa breve ou longa existência.
Senhor, que nada nesta terra nos separe de ti,
mas que tudo e todos nos estimulem no nosso ardente desejo
de descansar pacificamente e eternamente em ti.
Ámen.*

(Angelus - 2 de Novembro de 2014)

IRMÃ MARIE-ANASTASIA CARR



Irmã Marie-Anastasia Carré é uma religiosa consagrada, artista e professora de artes plásticas. Ela nasceu em uma família onde a arte era transmitida de geração em geração. ***“Na minha família, percebi como a arte é uma forma de amar. Nossos pais nos transmitiram o dom da maravilha”.***

Estudou arte na *Université d'Arts Plastiques* em Rennes, na França, e depois tornou-se professor em um *Collège*.

Uma forte experiência espiritual mudou o curso da sua vida, quando sentiu a chamada para seguir Cristo como pessoa consagrada na *Comunidade das Bem-aventuranças*.

Nesse momento suspendeu todas as atividades artísticas por vários anos. Mas quando lhe foi pedido que preparasse um curso de atividades artísticas para uma prisão juvenil nas

Filipinas, ela redescobriu a influência da experiência artística na vida humana. ***“É como se o Senhor me dissesse: é bom que ajudes os outros a se expressarem, a se comunicarem, mas isso não se aplica também a ti?”.*** E é precisamente na Ásia que a cor irrompe em sua vida, enquanto antes ela tinha usado apenas preto e branco.

A sua comunidade encoraja esta vocação artística ao serviço da evangelização. A arte é para ela hoje uma missão, mas também um modo artístico de viver em união com Deus, uma escola de vida espiritual e humana; é o amor.

“Antes de serem quadrados, desenhos ou pinturas, são oportunidades para me deixar transformar pela Palavra de Deus e responder a ela. A pintura se transforma em ato de fé ou amor”.

Esta expressão artística encontrou um lugar no carisma da sua comunidade e tornou-se uma oportunidade para revelar a beleza de Deus na liturgia, na vida fraterna e na actividade missionária. A arte e a beleza presentes na liturgia e nos lugares de oração são como pontes ou como os braços de Deus abertos ao encontro com o homem. ***“A arte é capaz de expressar e tornar visível a necessidade humana de ir além do que se vê; expressa a sede e a busca do infinito”.*** (Bento XVI)

Irmã Marie-Anastasia acaba de terminar uma exposição para o Jubileu da Misericórdia no sul da França, sobre o tema ***“Encontrar Deus através da arte”***. Suas obras se desenvolvem em duas direções, uma litúrgica que responde aos pedidos de lugares de retiro e a outra um projeto para anunciar o Evangelho através das imagens: ***“Minhas pinturas são como missionários enviados onde Deus quer e permite que o bem seja feito”***.

O rosto, o encontro, o eu interior, a relação com Deus são os seus temas principais. Ao mergulhar o seu pincel na Palavra de Deus, a sua arte torna-se olhares, gestos, cores. Cristo, que se faz Rosto para que possamos encontrá-lo, fala às pessoas que alcança com o seu olhar. ***“A imagem reúne toda a Palavra, torna visível o evangelho”***. (Concílio de Constantinopla VI)

A artista é por vezes convidada a participar num teste onde tem de criar um quadro no local, durante uma reunião. Estas pinturas tornam-se assim um eco visual da pregação. A pintura diz silenciosamente o que a Palavra de Deus diz com a voz. Além disso, a Irmã Marie-Anastasia também oferece retiros que ela chama: "Pintar como oração" destinados aos artistas cristãos de vários graus de fé para ajudá-los a meditar sobre a Palavra de Deus através do uso de imagens que se tornam um testemunho da graça recebida.

Além das técnicas de acrílico e aquarela, a irmã Marie-Anastasia também se expressa através do afresco. Em seu trabalho, a artista gosta de usar o relevo com materiais grossos e ásperos. O desenho é profundamente gravado, assim como a Palavra é chamada para ser profundamente gravada em nossos corações. Através de cores e materiais, cada obra de arte murmura sua sede por Deus.

Você pode encontrar suas obras em: <http://srmarieanastasia.wix.com/artiste>

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
DAR DE COMER A QUEM TEM FOME.....	7
DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE.....	11
VESTIR OS NÚ.....	15
DAR POUSADA AOS PEREGRINOS.....	19
ASSISTIR AOS ENFERMOS.....	23
VISITAR OS PRESOS.....	27
ENTERRAR OS MORTOS.....	31
DAR BONS CONSELHOS.....	35
ENSINAR OS IGNORANTES.....	39
CORRIGIR OS QUE ERRAM.....	43
CONSOLAR OS TRISTES.....	47
PERDOAR AS INJÚRIAS.....	51
SOFRER COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO.....	55
ROGAR A DEUS POR VIVOS E DEFUNTOS.....	59

A VIAGEM PARA A MISERICÓRDIA CONTINUA



IT - *Carlo Miglietta – Le Opere di Misericordia*

EN - *Carlo Miglietta – Works of Mercy*

FR - *Carlo Miglietta – Oeuvres de miséricorde*

A nossa revista em linha em mais **30 línguas**

mission.spaziospadoni.org

Para mais informações

info@spaziospadoni.org

A MISERICÓRDIA DE DEUS ACTUA SEMPRE

spaziospadoni.org



Partner



francescoeconomy.org

SSL_001_02_24_IT

SPAZIO†SPADONI

GERA ACÇÕES DE MISSÃO E MISERICÓRDIA NO MUNDO